

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA: A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA CONSTRUÇÃO DO RESPEITO E AUTOESTIMA

PRETTY GIRL WITH RIBBON BOW: BLACK REPRESENTATION IN BUILDING RESPECT AND SELF ESTEEM

Rafaela Rebessi Zillo*
Adriana Gomes Leite**
Bruna Cristina De Souza Santos***
Gabriela Simone Do Nascimento****
Marilza Luci Pessoa Moro*****
Tamara Faldoni*****
Fabiola Rebessi Zillo*****

RESUMO

O enfrentamento ao racismo e ao *bullying* dentro do contexto estudantil vem de encontro às práticas pedagógicas atuais, pois no ambiente escolar existem diversidades culturais, étnicas e sociais, logo as práticas devem conservar e garantir o respeito e a dignidade entre elas. O objetivo deste trabalho foi utilizar o livro *Menina bonita do laço de fita* de Ana Maria Machado, como instrumento para ampliar o conhecimento sobre a cultura negra, desenvolvendo uma postura crítica e autônoma frente à realidade e as vivências de cada aluno. Para tanto, a metodologia utilizada foi um estudo bibliográfico qualitativo, com o recurso a autores que abordam temáticas como a diversidade étnica racial, a representatividade do negro, o *bullying*, entre outros. E, também, a elaboração de um plano de aula na área de Linguagens, com recursos de teatralização para a prática. Como resultado foi estruturado um plano de aula completo, com tema, área de conhecimento, público alvo, sequência didática, objetivos, recursos didáticos e de avaliação da aprendizagem, todos pautados nas orientações da Base Nacional Comum Curricular e nas questões étnico sociais de interesse. Concluiu-se que a temática do *bullying* e do racismo devem ser práticas periódicas nas escolas, uma vez que a interação socioafetiva das crianças é construída principalmente no ambiente escolar e que para tanto se faz necessário utilizar planos de aula adequados e voltados para as questões étnicas sociais. Considera-se importante também, a elaboração de novos estudos e de novos planos de aula que versem sobre as mais distintas formas de exclusão e preconceito.

Palavras-chave: *Bullying*. Escola. Preconceito. Lugar de fala. Diversidade.

* Professora na Anhanguera Educacional Leme/SP e graduanda em pedagogia pela UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo). rafa_zillo@hotmail.com

** Graduanda em Pedagogia pela UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo).

*** Enfermeira pela Anhanguera Educacional e graduanda em pedagogia pela UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo).

**** Graduanda em Pedagogia pela UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo).

***** Graduanda em Pedagogia pela UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo).

***** Graduanda em Pedagogia pela UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo).

***** Bibliotecária FATECE (Faculdade de Tecnologia, Ciência e Educação).

ABSTRACT

The fight against racism and *bullying* inside school comes up as current pedagogical practices, because there are cultural, ethnic and social between students differences, so the practices must preserve and guarantee the respect and dignity between them. The objective of this work was to use the book *Pretty Girl with Ribbon Bow* written by Ana Maria Machado, as an instrument to expand knowledge about black culture, to develop a critical and autonomous approach to reality and as experiences of each student. The methodology used was a qualitative bibliographic study, using authors who written about racial ethnic diversity, black representation, *bullying* and others. In addition, an elaboration of a lesson plan in Languages area, using theatrical resources for practice. As the result was structured a complete lesson plan, with theme, area of knowledge, target audience, didactic sequence, objectives, didactic resources and learning assessment, all items presented in the Common National Curricular Basis and about social and ethnic interested issues. In conclusion, the theme of *bullying* and racism must be regular practices in schools, since the social interaction of children happens mainly on school environment, so it is necessary to use proper and focused lesson plans about social ethnic issues. It is also important, the elaboration of new studies and new lessons plans that deal with more distinct forms of exclusion and preconception.

Keywords: *Bullying*. School. Preconception. Place of speech. Diversity.

Introdução

Mesmo já estando no século XXI, ainda vivemos em uma sociedade onde o preconceito racial se faz presente. A escola, sendo parte integrante dessa sociedade, influenciada pelo contexto histórico-social do nosso país, não pode se isentar das consequências que esse preconceito exerce nas relações e oportunidades dos indivíduos.

Segundo Caetano (2016, p. 11), a visão preconceituosa em relação ao negro tem se arrastado ao longo da história do nosso país, onde grande parte da população é negra. Tal prática discriminatória provoca impactos no ambiente escolar. Dessa forma se faz necessário que as crianças tenham acesso a uma educação antirracista, contribuindo para a desconstrução do preconceito e dos padrões de beleza, que serão construídos sem prejudicar o próximo, favorecendo uma consciência de inclusão e apreço pelas diferenças.

Esse trabalho contra o preconceito deve acontecer desde cedo: a criança negra precisa se ver como negra, amando a imagem que tem de si e dos outros, e sendo respeitada. Para isso se faz necessária à escolha de materiais que valorizem a história da cultura afro-brasileira, de modo que as crianças possam se identificar com os personagens.

Por meio das relações e interações sociais no ambiente escolar ocorre o processo de contínua construção e desconstrução da identidade individual, tendo grande impacto ao longo da vida do aluno. Situações como exclusão, agressões verbais e físicas provenientes de atitudes preconceituosas podem gerar dificuldades de interação social, baixa autoestima e a não aceitação de si como ser único e de valor.

De acordo com Gomes (2003, p. 176), a construção da identidade negra em uma sociedade tradicionalmente preconceituosa, que ensina ao negro desde cedo a negação de si mesmo, é um grande desafio e provoca a discussão sobre a falta de preparo da escola para tal questão.

As experiências de preconceito racial vividas na escola, que envolvem o corpo, o cabelo e a estética, ficam guardadas na memória do sujeito. Mesmo depois de adultos, quando adquirem maturidade e consciência racial que lhes permitem superar a interjeição do preconceito, as marcas do racismo continuam povoando a sua memória¹.

Para Gomes (2003, p. 176), a falta de discussões e informações a respeito desse assunto implica tanto na formação dos professores quanto na sua prática pedagógica em sala de aula, reforçando assim essa representatividade negativa sobre o negro. Nem sempre o professor atenta-se para o fato de que a recusa de um aluno em participar de uma atividade específica pode estar relacionada à não aceitação em determinados grupos.

Sendo assim, como o educador deve abordar essa temática, a fim de provocar a união entre os alunos e ensinar desde cedo às crianças sobre igualdade racial e como o racismo é um assunto grave e sério?

Tendo em vista as adversidades enfrentadas por educadores no ambiente escolar em torno desse tema, surgiu a ideia de trabalhar esse assunto por meio das disciplinas do eixo de linguagens, direcionado aos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental.

O plano de aula proposto neste projeto pode ser aplicado de forma multidisciplinar, pois incluem objetivos e metodologias que permeiam as disciplinas de Língua Portuguesa e Artes. A ideia é que, por meio da leitura do livro “Menina Bonita do Laço de Fita”, de Ana Maria Machado, com técnicas de contação de história, e posterior participação em dinâmica de teatralização livre, surjam situações-problema e colocações que motivem e enriqueçam a participação em roda de conversa, onde os temas de racismo, diversidade, respeito, representatividade e autoestima serão discutidos.

¹ Ibidem.

1 DESENVOLVIMENTO

1.1 Problema e objetivos

Refletir sobre o papel da escola na desconstrução do racismo e preconceito é atualmente um dos desafios dos profissionais da educação. Essa desconstrução depende de práticas educacionais que considerem os contextos históricos sócio-políticos e econômicos de nosso país. O preconceito racial é um problema que causa exclusão social e baixa autoestima, experiências essas, que podem deixar marcas negativas na memória do aluno.

É comum que dentro da escola presencie-se a ocorrência de atitudes discriminatórias. De forma geral, essas situações são abordadas de maneira superficial, dando a impressão de certo descaso com uma situação grave e que deve ser tratada como tal.

Ao adotar esse tema, busca-se neste trabalho, contribuir para que os alunos apropriem-se de valores como: respeito próprio e aos outros, valorização do diferente e superação dos preconceitos.

Como objetivo, pretende-se ampliar o conhecimento sobre as questões relativas à cultura negra, desenvolvendo uma postura crítica e autônoma frente à realidade e vivências de cada aluno. Quando não viabilizamos as experiências raciais, as crianças não compreendem a diversidade racial na formação da história. Assim, conhecer, apreciar e valorizar as diversidades naturais e socioculturais, adotando posturas de respeito aos diferentes aspectos e formas étnicos, raciais e culturais, torna-se primordial. Também se busca trabalhar a socialização (amizade, união e respeito às diferenças) e assim nutrir o espírito de tolerância.

1.2 Justificativa

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dentre as competências gerais constam duas que versam sobre apreciação própria, diversidade humana, empatia e respeito. As competências socioemocionais são tão importantes para a formação integral de nossas crianças que esse documento, que objetiva ser referência nacional para a formulação dos currículos, citam-nas desde seu capítulo introdutório nos itens oito e nove:

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p. 10).

O plano de aula proposto neste projeto tem como foco principal a construção dessas competências socioemocionais, por meio de dinâmicas e diálogos acerca de questões como: enfrentamento do preconceito e racismo, representatividade, empoderamento e respeito à diversidade humana, além de desenvolver as competências específicas da área de Linguagens.

A abordagem desse tema justifica-se pelo contexto histórico de construção da sociedade brasileira e toda carga de preconceito e racismo consequente das particularidades dessa construção, presentes até os dias atuais em nossa sociedade e dentro do ambiente escolar.

Apesar da publicação da Lei 10.639/03 (alterada pela Lei 11.645/08), que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, ainda hoje, 17 anos após sua publicação, as escolas enfrentam dificuldade na sua implementação.

Dados do questionário do Censo Escolar de 2015, aplicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), com 52 mil diretores de escolas, mostram que em 12 mil delas não existem projetos com a temática do racismo, o que equivale a 24% das escolas públicas do Brasil.

Assim, o presente projeto pretende contribuir para a construção de saberes pedagógicos dentro da temática abordada e servir de incentivo e inspiração a profissionais do meio escolar no desenvolvimento de atividades similares.

1.3 Fundamentação teórica

1.3.1 Diversidade Étnica e Cultural

De acordo com Candau e Koff² (2006 *apud* GONÇALVES; OLIVEIRA, 2018) a diversidade se trata das diversas culturas e suas identidades, contrárias à igualdade.

² CANDAU, V.; KOFF, A. M. N. S. Conversas com... sobre a didática e a perspectiva multi/intercultural.

Pode se entender, atualmente, como um compartilhamento de diálogos e valores. Já Rodrigues e Abramowicz (2013, p. 19) abordam como o termo “cultura” tem diversas conotações:

Da forma como vem sendo utilizada, a ideia de cultura tem servido como tropo de raça, como diversidade, como diferença, como resposta curricular dada pelas políticas públicas aos movimentos sociais que reivindicam reparação e/ou representação cultural (dos sentidos singulares que atribuem às coisas e ao mundo), como chave genérica que se atribui às coisas (as múltiplas possibilidades de sentido dadas por grupos sociais) que não se conhece exatamente, como capaz de, por essa via, equalizar os problemas das desigualdades/diferenças presentes na escola. Cultura ora é vista como local e singular, ora como o comum e universal de um povo. Ou seja, ora é singular, ora é plural; ora é comum, ora é universal; ora é específico, ora é local.

Na América Latina, principalmente no Brasil, a multiculturalidade se apresenta de forma característica, aonde suas relações inter étnicas vêm de um passado penoso e aterrorizante, diretamente relacionado aos povos indígenas e afrodescendentes (MOREIRA; CANDAU, 2009).

Neste sentido, Perez Gómez³ (1998, p. 17 *apud* MOREIRA; CANDAU, 2009, p. 15-16):

O responsável definitivo da natureza, do sentido e da consistência do que os alunos e as alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola, entre as propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, refletidas nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social constituída pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões do cotidiano da cultura institucional presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição específica; e as características da cultura experiencial adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com seu meio.

Logo, torna-se impossível não nos depararmos com tais questões no ambiente escolar, uma vez que a escola acolhe crianças de todas as culturas, cada uma com suas particularidades, histórias de vida e questões familiares e é dentro da escola que essas experiências se cruzarão, para muitos, pela primeira vez.

Sendo assim, Rodrigues e Abramowicz (2013, p. 19) defendem:

Na área da educação, a explosão semântica tem produzido propostas na chave da cultura que se distinguem e que se denominam como multiculturalismos, interculturalismos, culturalismos etc. Ora cultura

Educação e Sociedade, Campinas, v. 27, n. 95, p. 471-493, maio/ago. 2006.

³ PEREZ GÓMEZ, A. **La cultura escolar en la sociedad neoliberal**. Madrid: Morata, 1998.

designa a identidade, ora a diferença e o diverso; ora é aquilo que significa eu, ora é o outro. Ora a cultura é a síntese e o comum de todas as culturas, em uma vertente do interculturalismo, por exemplo; ora é um conjunto, um mosaico de culturas, como no multiculturalismo em uma de suas ramificações. É esse uso generalizado da palavra cultura, associado ao diverso, à diversidade e/ou à diferença, mas também ao uno, ao universal, ao comum e ao local, que tem sido objeto de disputa não só teórica, mas também na prática social, contribuindo para a imprecisão e o esvaziamento conceitual de cultura, diversidade e diferença. Diz-se cultura e já não se sabe mais qual é o sentido atribuído.

1.3.2. Raça, Preconceito, Racismo e Discriminação

No século XVIII, Carl Von Linné (1707-1778), criou a taxonomia, uma forma de classificar as espécies. “Linné criou a designação *Homo sapiens* e classificou a espécie humana em quatro raças: europeus, asiáticos, americanos e africanos” (AZEVEDO, 1987, p. 18). Esse tipo de classificação é imprecisa pois, “as variações entre as raças são contínuas e superficiais, não permitindo separá-las biologicamente”⁴.

Sobre a subjetividade no modo de percepção das ditas diferenças raciais:

É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Isso significa que, aprendemos a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados a ponto de essas ditas diferenças serem introjetados em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. Aprendemos, na cultura e na sociedade, a perceber as diferenças, a comparar, a classificar (GOMES, 2005, p. 49).

Ainda de acordo com a mesma autora, “[...] podemos compreender que as raças são, na realidade, construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico”⁵.

Culturalmente aprendemos a ter preconceito. Através de atitudes falas, olhares, imagens, aparentemente despretensiosos, constroem-se no imaginário estereótipos de bom ou mau, certo ou errado. O preconceito é:

[...] uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade, tornando-se uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido, também, como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos (SANT'ANA, 2005, p. 62).

⁴ Ibid., p. 21.

⁵ Ibidem.

Sob a influência de uma cultura que ensina a classificar seres humanos em diferentes raças, e a pré conceber estigmas baseados em aparência, podem surgir comportamentos discriminatórios. "A discriminação é algo assim como a tradução prática, a exteriorização, a manifestação, a materialização do racismo, do preconceito e do estereótipo"⁶.

Assim, pode se diferenciar o racismo e o preconceito da discriminação racial. "Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam" (GOMES, 2005, p. 55).

Uma das dificuldades na luta contra o racismo reside no fato de sermos "uma sociedade multirracial e pluriétnica que faz de conta que o racismo, o preconceito e a discriminação não existem. No entanto, afloram a todo o momento, ora de modo velado, ora escancarado, e estão presentes na vida diária" (LOPES, 2005, p. 186). Sobre a relação entre o conceito de raças humanas e racismo, Kabengele Munanga (2010, p. 29) diz que:

A maioria dos pesquisadores brasileiros que atuam na área das relações raciais e interétnicas recorrem com mais frequências ao conceito de raça. [...] não mais para afirmar sua realidade biológica, mas sim para explicar o racismo, na medida em que este fenômeno continua a se basear em crença na existência das raças hierarquizadas, raças fictícias ainda resistentes nas representações mentais e no imaginário coletivo de todos os povos e sociedades contemporâneas. Alguns fogem do conceito de raça e o substituem pelo conceito de etnia considerado como um lexical mais cômodo que o de raça, em termos de "fala politicamente correta". Essa substituição não muda nada a realidade do racismo, pois não destrói a relação hierarquizada entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo.

Nesse projeto de pesquisa, partimos do pressuposto da importância de práticas bem direcionadas no ambiente escolar para a construção de uma sociedade melhor. Assim, a proposta de realizar atividades que gerem a valorização da nossa diversidade étnica, corrobora com a necessidade de lutar por uma sociedade menos discriminatória e racista.

Segundo Santos (2007, p. 10), "[...] embora a escola, não seja meramente reprodutora das desigualdades raciais, acaba reafirmando estigmas e estereótipos sobre os negros." Logo a importância da lei 10.639/03 passa a ser inegável para a educação,

⁶ Ibid., p. 63.

pois ao incluir a cultura africana nos currículos está valorizando uma história que durante muitos anos foi silenciada.

Ainda sobre a importância dessa inclusão:

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura afro-brasileira e africana nos currículos da educação básica é um momento histórico que objetiva não apenas mudar um foco etnocêntrico, marcadamente de raiz europeia para um africano, mas sim ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira (BORGES, 2000, p. 72).

Conforme aponta Lopes (2005, p. 189):

A escola, como parte integrante dessa sociedade que se sabe preconceituosa e discriminadora, mas que reconhece que é hora de mudar, está comprometida com essa necessidade de mudança e precisa ser um espaço de aprendizagem onde as transformações devem começar a ocorrer de modo planejado e realizado coletivamente por todos os envolvidos, de modo consciente.

A escola como espaço de trocas, construções e aprendizagem, deve ser também o espaço que leve as crianças a pensar criticamente sobre temas tão polêmicos como o racismo. Assim, o professor e os alunos devem:

[...] organizar-se em comunidades de aprendizagem, onde cada um chegue com seus saberes e juntos vão construir novos conhecimentos num processo de trocas constantes, desmistificando situações de racismo, preconceito e discriminação arraigados nos grupos sociais e nas pessoas individualmente. Nesse aprender coletivo, professor e alunos acabam por enriquecer o processo educativo para ambos os sujeitos da aprendizagem. Especialmente quando se trata de racismo, preconceito e discriminação, o investigar e o aprender juntos garantem aprendizagens de melhor qualidade, porque construídas coletivamente⁷.

1.3.3. *Bullying*

Bullying é um assunto sério, algo maior que uma simples brincadeira como alguns costumam classificar, está associado à humilhação, violência psicológica e muitas vezes agressão física. É um desejo consciente de maltratar outra pessoa a ponto de colocá-la em situação constrangedora.

Ele tem características bem definidas quanto à violência, “é um conjunto de atividades agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente,

⁷ Ibidem.

adotadas por um ou mais alunos contra outro(s) causando dor, angústia e sofrimento.” (FANTE, 2005, p. 28).

Como consequência gera exclusão, isolamento e distanciamento social:

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar.⁸ Existe grande preocupação com o ambiente escolar no quesito segurança, investem alto em tecnologias, câmeras, detectores de metais, revistas e seguranças, como forma de conter a violência, “ao invés de apresentarem estratégias socioeducativas que melhorem as relações interpessoais”⁹.

Esse fenômeno não é algo dos tempos modernos. Existem relatos e pesquisas que evidenciam a preocupação com esse tipo de violência em 1970 na Suécia e 1982 na Noruega, onde houve uma grande comoção por parte da população e do Ministério da Educação em uma campanha em escala Nacional após o suicídio de 3 crianças com idades entre 10 e 14 anos¹⁰.

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, em seus estudos pesquisou pais, alunos e professores e apresentou um programa de intervenção com as características: desenvolver regras claras contra o *bullying*; alcançar um envolvimento ativo por parte dos professores e dos pais; aumentar a conscientização do problema e prover apoio e proteção às vítimas.¹¹

O *bullying* ainda é um tema pouco comentado e trabalhado nas escolas. Pesquisadores de todo o mundo têm se atentado a esse fenômeno, pois ele tem se apresentado de forma crescente, atingindo principalmente os primeiros anos de escolaridade (FANTE, 2005).

O mesmo autor ainda explica que a questão do *bullying* se “inicia pela recusa de aceitação de uma diferença, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor de cabelo, deficiência visual, auditivas e vocais, ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física”¹².

⁸ Ibid., p. 27.

⁹ Ibid., p. 44.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibid., p. 45.

¹² Ibid., p. 62-63.

O agressor apresenta caráter autoritário tendo necessidade de dominar, ameaçar e subjugar os outros pelo uso imposto de força. Já as vítimas geralmente são alunos que se mostram psicologicamente frágeis, ansiosos, inseguros, tímidos, passivos e com dificuldade de serem agressivos¹³.

Para Díaz-Aguado, a violência não prejudica somente a vítima, como também todos que convivem com ela, "a vítima perde a confiança em si e nos outros" (DÍAZ-AGUADO, 2016, p. 30), tendo baixa autoestima e baixo desempenho como resultado. No agressor diminui a capacidade de empatia e de compreensão moral, reforçando a prática de abuso de força.

Os que convivem com essas práticas e são "cúmplices" passivos, por medo de serem a próxima vítima, "aumentam a falta de sensibilidade, apatia e a falta de solidariedade com relação aos problemas dos outros, características que agravam o risco de que sejam no futuro, protagonistas diretos da violência".¹⁴

A violência reduz a qualidade de vida, dificultam a conquista de seus objetivos, qualidade do trabalho, aprendizagem, transmissão de valores e faz com que aumentem os problemas. E no resto da sociedade, "a violência escolar reproduz um modelo de organização social caracterizado pelo domínio e pela submissão".¹⁵

Existem três indicadores que influenciam no surgimento da postura agressiva:

1. *Contexto Familiar*, especialmente a presença ou ausência de adultos que ofereça segurança, atenção, limites e estrutura psicológica;
2. *Situação repetida de fracasso*, não conseguindo realizar a expectativa de ser o protagonista positivo com os professores e companheiros, buscando nas condutas agressivas alcançar o poder e protagonismo;
3. *Identificação ou rejeição diante de diferentes tipos de violência*, grupo que se forma por semelhança ou por exclusão de outros grupo, podendo ser de gênero, raça, religião entre outros (DÍAZ-AGUADO, 2016).

A escola, por meio do desenvolvimento da aprendizagem cooperativa em grupos heterogêneos, pode ajudar a mudar tal modelo, auxiliando o grupo a adaptar-se à diversidade e proporcionando experiências de igualdade de status em torno de objetivos compartilhados. Para aumentar tal eficácia, convém realizar também atividades que ensinem a detectar e combater os obstáculos mais frequentes, contrários aos valores de igualdade e solidariedade (sexismo, racismo, homofobia, estereótipos para com os que têm necessidades especiais), e a

¹³ Ibid., p. 72-73.

¹⁴ Ibid., p. 31.

¹⁵ Ibidem.

considerá-los uma ameaça ao respeito aos direitos humanos. Os professores proativos reduzem o risco do *bullying* ao favorecer a integração de todos os alunos, proporcionar um modelo contrário ao domínio e a violência, reforçar a liderança dos alunos pró-sociais e transmitir confiança e disponibilidade para ajudar, com eficácia, quando necessários¹⁶.

Os professores que buscam se aprimorar aumentam as chances de manter seus alunos integrados minimizando o *bullying*, a violência e discriminação. O grande desafio do novo professor é entrar no universo desses alunos mostrar que as diferenças são importantes para o aprendizado.

Todos são diferentes e merecem respeito e tem seus papéis na sociedade, apresentar a história de diferentes ângulos e que não há nada de negativo em não ser igual, onde outros personagens possam ser evidenciados.

Trabalhar atividades com grupos de diferentes opiniões e pensamentos, para que aprendam a respeitar, ter empatia e valorizar o outro ser humano.

1.3.4 Desenvolvimento Sócio Afetivo na Educação

A autora Ana Maria Machado ressalta a importância da mulher negra se amar, de se referenciar e tomar posse do seu lugar na sociedade, de se conhecer e se reconhecer na história, trazer à tona e exaltar suas raízes, a menina que tem seus traços descritos e referenciados em poesia tem sua autoestima elevada.

O texto apresenta uma desconstrução de beleza imposta pela sociedade, onde são valorizados um único biotipo e características, onde muitas mulheres com sua aparência “fora dos padrões” sentem a cobrança de anular se moldar a esse imposto. A autora apresenta a protagonista sendo exaltada justamente por seus traços encantadores.

No momento em que ela busca sua árvore genealógica é onde se encontra dentro de si e a reporta para um contentamento genuíno e reflete a beleza de ser diferente e respeitada.

A família é muito importante para iniciar a aceitação e quebrar o preconceito, a criança deve se sentir segura para conversar sobre o tema e situações. Como resultado terá a sua autoestima elevada. Receber elogios e fazê-la aceitar seus traços são primordiais, segundo Fante (2005, p. 75) “a opinião comum entre os especialistas no assunto é que os pais devem procurar elevar a autoestima dos seus filhos.”

No ambiente escolar o professor também pode estimular a aceitação de cada indivíduo com a construção de diálogo, trabalhar valores, respeito, ética e cidadania são alguns pontos que ajudam o grupo a refletir sobre seus pensamentos.

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente a matéria mais difícil da escola não é matemática ou biologia: a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil a ser aprendida¹⁶.

1.3.5 Representatividade Negra

A construção de identidade de um indivíduo se inicia quando criança e se dá através de sua capacidade de interagir com as pessoas e o mundo a sua volta. Quando interage, ela incorpora valores, afetos e desafetos, observa as semelhanças e diferenças, reúne características particulares ao indivíduo que podem ser visíveis ou detectáveis. O autor, grande mestre Paulo Freire afirma que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1997, p. 11).

Esse indivíduo em formação precisa encontrar referências que valorizem suas características de beleza e cultura ancestral. Em contato com um contexto rico em possibilidades, eles começarão a fazer suas associações com base em sua leitura de mundo de acordo com as particularidades de suas experiências de vida.

No documento Base Nacional Comum Curricular (2017), é citado que “ a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade” (BNCC, 2017).

Isto é, o espaço educacional precisa mediar e expandir essa bagagem cultural. O sistema educacional tem a função de desconstruir os estereótipos da sociedade, e o dever de buscar a igualdade de tratamento e oportunidade para todos.

A autora Iris Maria da Costa Amâncio (2008) afirma que:

Por isso, o diálogo escola/afro-brasilidade – ação exigida pela Lei 10.639, em seu potencial de interatividade -, além de alterar o lugar tradicionalmente conferido à matriz cultural africana, resgata e eleva a autoestima do alunado negro, de forma a abrir-lhe espaço para uma vivência escolar que o respeite como sujeito de uma história de valor, que é também a do povo brasileiro. (AMÂNCIO, 2008, p. 37).

¹⁶ Ibid., p. 91.

¹⁶ Ibid., p. 32.

Assim, faz-se necessário que as escolas utilizem elementos significativos referentes às diferentes etnias, para a autopercepção das crianças a respeito de sua autoimagem. A representação para a criança negra é tão importante como a de qualquer outra criança no processo de construção de sua identidade.

A ausência da figura do negro nas instituições só reforça o estereótipo e interioriza que só a figura europeia/branca é sinônimo de beleza que repercutirá na construção de sua autoimagem. A construção da autoimagem da criança se dá muitas vezes por meio dos brinquedos e brincadeiras, e apesar de termos muitas atividades da cultura negra, muitos ainda não as utilizam. Essa verdade é absorvida pelas crianças como o modelo de beleza a ser seguido e quem não está em consonância com esse padrão se sente mal. (SOUZA; LOPES; SANTOS, 2007, p. 4).

Sob essa perspectiva, embora já tenha ocorrido um grande avanço no quesito equidade; “seria desejável mostrar todas as raças de forma mais equilibrada, e que todas as pessoas se reconhecem nesse meio, para não precisarem se espelhar em modelos idealizados de beleza” (CHAVES, 2008, p. 9).

1.3.6 O Lugar De Fala

Vivemos em uma sociedade preconceituosa que nos marca de acordo com os grupos a que pertencemos sendo eles culturais, raciais, políticos e religiosos. Como consequências dessa problemática surgem questões a serem discutidas sobre os diversos tipos de preconceito presentes na sociedade tais quais o preconceito étnico racial, de orientação sexual e de gênero.

Um exemplo a ser dado de preconceito racial é a morte brutal de George Floyd, um americano negro que foi morto violentamente por policiais sem motivos coerentes na qual impulsionou movimentos contra o racismo. George é mais um de muitos negros que atualmente ainda sofrem com o racismo estrutural que se encontra em todas as esferas da sociedade. Neste momento de mobilidade social, em que pessoas de diversas etnias se unem para reivindicar o fim do racismo e da violência contra negros se faz necessário que seja ouvida a voz dos negros, seu lugar de fala.

De acordo com Ribeiro (2017, p. 35), ao falar da importância do lugar de fala não se fala necessariamente de experiências de indivíduos, mas sim das condições sociais que se faz presente permitindo ou não que determinados grupos acessem lugares de cidadania. Consequentemente o racismo se mantém como produção e reprodução social

e capitalista a cerca de um debate estrutural, não se trata de afirmar situações experienciadas individualmente, mas entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades.

Neste sentido a autora levanta a questão de quantos profissionais negros ocupam lugares de destaque na sociedade e nos leva a refletir quantos professoras ou professores negros ministram aulas em grandes centros universitários? Quantos jornalistas de ambos os sexos existem em redações renomadas? Quantas autoras e autores negros possuem suas obras em destaque? e tantas outros profissionais.

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do feminist standpoint: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços: não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social (RIBEIRO, 2017, p. 36).

Ao falarmos sobre lugar de fala podemos refletir sobre as desigualdades raciais existentes e experienciadas pelas pessoas negras, na qual pessoas brancas têm um certo privilégio em relação aos negros, dessa forma não se pode falar que o mesmo lugar de fala do branco, seja a mesma fala do negro, porque o branco não poderá sentir na pele o preconceito sofrido pela pessoa negra.

Assim cada um tem seu ponto de vista dependendo de sua localização social em que vive dessa forma a sua visão de mundo muitas vezes é diferente, podendo achar que o seu lado é único e que a sua fala é mais importante do que a do outro, representando o lugar de fala do outro de maneira equivocada.

Então o lugar de fala é de existir como indivíduo é poder falar e ser ouvido, e cabe às pessoas que não tiveram tais experiências referentes ao preconceito ouvir e respeitar o ponto de vista de cada um, para que seja possível mudanças significativas no modo de pensar e agir.

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta

diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados.¹⁷ Desenvolver a compreensão sobre lugar de fala, abre espaço para que as vozes que foram silenciadas tenham uma nova oportunidade de rever o mundo e suas estruturas, e de reconstruir a sua história, sendo possível dar voz para aqueles que sofrem calados e não tem coragem de enfrentar tais problemas.

A escola é um excelente meio na qual a diversidade está presente, dessa forma mediante projetos que abordam tais temas é possível a desconstrução do preconceito e a discriminação sofridas pelas crianças, sendo assim as crianças terão condições de enfrentar os diversos tipos de preconceito de maneira mais branda, ela se sentirá a vontade de falar sobre o assunto com um adulto ou com uma pessoa de sua confiança

1.4 Metodologia

A metodologia desenvolvida para a fundamentação teórica deste trabalho, tomou como base um estudo bibliográfico qualitativo, com o recurso a autores que abordam temáticas como a diversidade étnico-racial, a representatividade do negro na sociedade, o bullying, entre outros.

A pesquisa proposta tem caráter qualitativo por melhor se adaptar ao objeto de estudo em questão, por meio de análises de dados de obras literárias, possibilitando o desenvolvimento de práticas pedagógicas atreladas ao senso crítico e ao desenvolvimento cognitivo no processo de ensino-aprendizagem.

Para Bogdan e Biklen (1994, p. 17) na educação a análise qualitativa é caracterizada como naturalista pois os investigadores analisam os dados naturalmente. Geralmente frequentam os lugares nos quais verificam os fatos em que têm interesse, observam o comportamento das pessoas e constroem seus conceitos pela interação com o meio.

Como proposta de resolução do problema levantado durante a pesquisa inicial, será apresentado um plano de aula na área de Linguagens, de acordo com pressupostos da pesquisa-ação. Esta pode ser definida como:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é conhecida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 1985, p. 14).

¹⁷ Ibid., p. 48.

Para Franco (2005, p. 491) a pesquisa-ação se inicia a partir de uma situação problema que une pesquisa e ação para transformação da prática pedagógica e acontece de forma interativa, reflexiva, dialógica, cooperativa entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

Logo, se faz necessário focar na avaliação das práticas, não somente no processo da pesquisa, mas no processo do comportamento das pessoas. Esse enfoque leva a uma nova conduta dos sujeitos, possibilitando uma reflexão sobre comportamentos e atitudes. É primordial, após um trabalho de pesquisa-ação, os sujeitos compreenderem o comportamento de modo reflexivo como atividade peculiar de suas práticas.¹⁸

Os assuntos abordados são de grande relevância no contexto escolar, e utilizando-se da pesquisa-ação como instrumento de interação e avaliação, possibilita-se perceber o problema e a forma de utilizar as práticas de intervenção social. Também torna possível observar e analisar as dificuldades enfrentadas por professores e alunos dentro da sala de aula em relação à representatividade do negro perante a sociedade e, com isso, aprender a trabalhar com as diversidades, *bullying* e respeito, de maneira lúdica e criativa.

2 Resultados

Como principal resultado do levantamento bibliográfico e dos estudos compilados sobre o tema proposto, foi desenvolvido um protótipo de plano de aula completo (Tabela 1), estruturado e com todas as etapas e informações necessárias para sua inteira execução.

Levando em consideração as medidas preventivas e de segurança em relação à disseminação do coronavírus SARS-CoV-2 e da atual situação de pandemia provocada pelos elevados casos da doença COVID-19; as aplicações práticas do plano de aula proposto foram suspensas, garantindo assim, a saúde e o bem-estar de todos os envolvidos, professor, escola, alunos do ensino fundamental e a comunidade escolar como um todo, respeitando desta forma, as medidas de isolamento social.

¹⁸ Ibid., p. 500.

2.1 Protótipo

Tabela 1 - Plano de aula proposto

Plano de aula desenvolvido como protótipo

Tema: Menina Bonita do Laço de Fita: a representatividade na construção do respeito e autoestima

Área do Conhecimento: Linguagens. Disciplinas de Língua Portuguesa e Artes.

Público-alvo: 3 ° ano do Ensino Fundamental.

Sequência didática: 1 h 40m/aula

Conteúdo(s) abordado(s) na aula:

- Oralidade - reprodução de história e exposição oral
- Leitura/ Escuta - leitura colaborativa e atenção na escuta
- Processos de criação - teatralização
- Desenvolvimento de competências socioemocionais

Objetivos

Gerais

- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos.
- Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.

Específicos de Língua Portuguesa

- (EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos e crônicas.

- (EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.
- (EF35LP15) Opinar e defender ponto de vista sobre tema polêmico relacionado a situações vivenciadas na escola e/ou na comunidade, utilizando registro formal e estrutura adequada à argumentação, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto;

Específicos de Artes

- (EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

- (EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

Metodologia

A metodologia proposta nesta aula passa por três momentos: a contação da história do livro “Menina Bonita do Laço de Fita”, com posterior dinâmica lúdica de teatralização e encerramento em Roda de Conversa.

1- Contação da história: utilizar como recurso visual objetos que possam representar os personagens e elementos que surgem na história, a fim de desenvolver o nível de atenção e adicionar o componente da ludicidade.

2- Propor dinâmica lúdica de teatralização da história do livro, disponibilizando em número suficiente para toda turma recursos materiais para caracterizar os personagens e elementos cênicos. Distribuir os materiais para cada grupo de quatro alunos, para que livremente interajam com os materiais, personificando um dos quatro personagens: a menina, o coelho branco, a mãe da menina e a coelhinha preta. Observar as interações e falas produzidas. 3- Organizar uma roda de conversa como elemento de conclusão da aula. Levantar questões sobre diversidade, representatividade, respeito e autoimagem. Buscar na

observação da dinâmica exemplificações e situações-problema, para envolver os alunos e gerar participação no diálogo sobre preconceito, racismo, *bullying* e respeito ao outro.

Recursos Didáticos

- Livro: Menina Bonita do Laço de Fita.
- Materiais para a contação: diversos objetos que representem todos os elementos que surgem na história. Podem ser representações subjetivas, como por exemplo, lenços coloridos ou objetivas, como boneca, coelho de brinquedo, etc., de acordo com a disponibilidade do professor.
- Materiais para a teatralização: tranças feitas de lã com laços de papel crepom e presilhas de cabelo (menina); tiaras com orelhas de coelho em Eva (coelhos); lenço de cabelo, ou xale (mãe); xícaras de plástico; potinho plástico com os dizeres ‘tinta preta’; bolinhas pretas (para representar a jabuticaba).

Verificação da Aprendizagem (avaliação)

Será feita por meio da avaliação formativa, a fim de analisar e identificar a adequação do tema proposto ao aprendizado da turma. Serão observados também, os apontamentos sobre o fluir dos três momentos propostos nesta aula. Levando-se em conta que a avaliação formativa é um processo bidirecional entre professor e aluno, esta buscará aprimorar, regular e orientar o processo de ensino-aprendizagem.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC) . Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 7º edição. São Paulo. Ártica, 2005.

O livro de Ana Maria Machado “Menina bonita do laço de fita” utilizado como inspiração e fundamentação para o desenvolvimento deste projeto retratou o lugar de fala de uma “menina linda, linda” numa conversa com um coelhinho branco de olhos vermelhos. No diálogo, o coelhinho fica surpreso com a beleza da menina “toda

pretinha” e espera encontrar a fórmula ou receita misteriosa para também se tornar pretinho como ela.

A narrativa acontece num contexto de quebra de paradigmas, em que se exaltam e respeitam as diferenças, ao mesmo tempo em que traz o conceito de representatividade e lugar de fala. A representatividade é a participação de uma determinada etnia em propagandas, comerciais, histórias e em qualquer outro veículo de comunicação, é o equilíbrio e ajustes entre as etnias de uma comunidade.

No livro, a menina preta é protagonista, descrita como “linda, linda”, valorizando sua etnia dentro de um espaço de interação sócio educacional que reflete relações, falas, construções racistas provenientes de nossa sociedade. A história age de forma essencial na luta contra o *bullying*, uma vez que apresenta a menina preta como personagem principal, com sua cor almejada por tamanha beleza, desconstruindo assim uma ideia enviesada de “princesas loiras, de olhos claros” serem as únicas a possuir espaço de destaque nas histórias.

Outro importante conceito a ser correlacionado dentro da história é o lugar de fala. Esse conceito indica a posição que o indivíduo considera que possui socialmente, de forma que todos podem falar de todos. Na história a menina brinca, cria e sonha com a forma com que se tornou “tão pretinha” e explica a fórmula mágica ao coelho curioso. Ela se coloca na posição de autora de quem é, valorizando suas características de forma pueril e poética. O desenrolar da narrativa é uma forma de resistência, força e amabilidade contra o bullying e todas as outras formas em que se apresenta o racismo.

Na história também foi possível perceber a forma lúdica da relação existente no tripé aluno-professor-aprendizagem, nota-se, mesmo que de forma infantil e não articulada, a relação de aprendizagem acontecendo entre os atores “menina linda, linda” e o coelho branquinho de olhos vermelhos, sendo que em várias passagens é possível notar a menina na posição de “professora” e o coelho na de aprendiz.

O coelhinho branco, desejoso de ter uma filha pretinha, pergunta à menina qual o segredo para ser assim tão pretinha. Ela não sabia responder, mas mesmo assim inventou uma resposta: “- Ah! Deve ser por que eu caí na tinta preta quando pequenininha”. E então, pensando ter aprendido o processo pelo qual poderia ficar pretinho para ter filhas pretinhas, o coelho seguiu em busca de uma lata de tinta preta e tomou banho nela, tornando-se negro. Porém, veio a chuva e lavou todo aquele pretume.

O coelhinho, não satisfeito com o resultado, seguiu em busca do conhecimento novamente, procurou a menina para que esta lhe contasse o segredo para ser tão pretinha.

Aqui podemos perceber que quando o indivíduo é instigado pela dúvida ou pelo desejo de aprender, ele se coloca ativamente no processo de aprendizagem, busca o conhecimento, seja como criança, seja como adulto, cada qual com seus recursos particulares.

Em outra instância, há necessidade de o docente instigar o desejo de aprender do estudante, problematizando os conteúdos, de forma que o aprendiz articule o conhecimento construído com possibilidades reais de aplicação prática, ou seja, aprender com sentido, com significado contextualizado. Assim, podemos perceber que a realidade do coelhinho - se tornar preto para ter filhas pretinhas - faz com que ele busque, natural e motivadamente, o conhecimento para sê-lo (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017).

Logo, de forma gradual e despercebida, a menina instiga o coelhinho a buscar cada vez mais a resposta correta ao seu tão desejado conhecimento, e, de forma insistente ele busca uma resposta para a dúvida que o incomoda. A menina então desperta nele a busca incessante pelo resultado: ora tomar muito café preto, ora comer muita jabuticaba, e ele, em sua busca desejosa, não desiste de aprender.

Nesse momento, após inúmeras tentativas, o conhecimento se revela pelo diálogo junto à mãe da menina, que remonta a cor da pele pela ascendência familiar – a avó da menina. Então, refletindo sobre o aprendizado, o coelhinho percebeu que “a gente se parece mesmo é com os parentes” e, satisfeito com o novo conhecimento adquirido, saiu em busca de concretizá-lo, e assim encontrou uma coelhinha escura como a noite. E desta união nasceram muitos coelhos, de todas as cores, inclusive uma era “bem pretinha”.

No final da história o ciclo da aprendizagem se encerra, quando a menina que fez o papel de mentora e instigadora da curiosidade se torna madrinha da coelhinha pretinha que nasceu, e o coelho no papel de aprendiz, descobre corretamente como ter uma filha pretinha. Ambos satisfeitos e protagonistas de sua própria relação ensino-aprendizagem, construída de forma natural e dentro da realidade de cada um.

Considerações finais

A partir dos estudos realizados e da construção do plano de aula utilizando como instrumento de ação o livro infantil *Menina bonita do laço de fita* de Ana Maria Machado, foi possível constatar que o enfrentamento ao bullying e ao racismo devem ser práticas pedagógicas periódicas dentro do ambiente escolar, uma vez que os alunos possuem bagagens familiares, conceituais e étnicas totalmente diferentes entre si, necessitando de

direcionamentos e orientações quanto ao respeito, aceitação, autoestima e representatividade no ambiente coletivo ao que se inserem: a comunidade escolar.

As crianças, em especial as do 3º ano do ensino fundamental, público-alvo do presente projeto integrador, desenvolvem sua interação sócio afetiva principalmente dentro do ambiente escolar, logo, a elaboração do plano de aula resultou na condução lúdica, teatral e artística como ações-chave de interação e engajamento das crianças em seus lugares de fala e representatividades, de forma que os paradigmas históricos de exclusão e preconceito sejam desconstruídos de forma natural.

Por último, considera-se imprescindível a realização de novos estudos e elaboração de novos planos de aula com temáticas semelhantes às propostas de igualdade e respeito às diferenças, não somente no âmbito étnico, mas também em relação ao porte físico (desenvolvimento do corpo e enfrentamento à gordofobia) e a inclusão e participação dos portadores de necessidades especiais, autistas e alunos com outras síndrome adquiridas ou congênitas, dentro da comunidade escolar.

Referências

AMÂNCIO, I. M. C. Lei 10.639/03, cotidiano escolar e literaturas de matrizes africanas: da ação afirmativa ao ritual de passagem. *In*: AMÂNCIO, I. M. C.; GOMES, N. L.; JORGE, M. L. S. (Orgs). **Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

AZEVEDO, E. **Raça: conceito e preconceito**. São Paulo; Editora Ática, 1987.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto, 1994.

BARROSO, J. **Cultura, cultura escolar, cultura de escola**. 2013. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Ik2sVPwGWalq1qlnpUD04RCISeXX4E3T/preview>>. Acesso em: 14 maio 2020.

BORGES, E. M. F. A Inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nos Currículos da Educação. **Revista Mestrado História**, Vassouras, v. 12, n. 1, p. 71-84, jan./jun., 2010. Disponível em: https://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2015/08/artigos/cultura_africana.pdf. Acesso em: 13 set. 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília-DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Básica 2015**. Brasília, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/um-quarto-das-escolas-publicas-nao-aborda-o-racismo-em-atividades-extras-na-sala-de-aula.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2020.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CAETANO, E. S. **O Negro na Literatura Infantil**: leitura de menina bonita do laço de fita, Ana Maria Machado. 2016. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras), Universidade Estadual da Paraíba, Catolé do Rocha, 2016.

CANDAU, V.; KOFF; A. M. N. S. Conversas com... sobre a didática e a perspectiva multi/intercultural. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 95, p. 471-493, maio/ago. 2006.

CHAVES, M. L. B. **O negro na mídia brasileira**. 2008. 40 f. Monografia (Especialização em Publicidade e Propaganda) – Centro Universitário de Brasília, Brasília-DF, 2008.

DÍAZ-AGUADO, M. J. **Da violência escolar à cooperação na sala de aula**. Americana: Adonias, 2016.

DIESEL, A.; BALDEZ, A.L.S.; MARTINS, S.N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, n. 1, v. 14, p. 268-288, 2017.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 34. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GOMES, N. L. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre Relações Raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília-DF, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39-62.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, 2003.

GONÇALVES, J. P.; OLIVEIRA, E. L. Diversidade cultural e relações de gênero em uma escola indígena sul-mato-grossense. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, 2018. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100493&lng=e n&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2020.

HOERTEL, P. L. **Isso é mesmo bullying?** 2013. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/PatriciaLavrad orHoertel.pdf>. Acesso em: 11 maio 2020.

- LOPES, V. N. Racismo, Preconceito e Discriminação: procedimentos didático pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. *In*: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o Racismo na escola**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2. ed. Brasília-DF: SECAD: 2005. p. 185-201.
- MACHADO, A. M. **Menina bonita do laço de fita**. 7. ed. São Paulo. Ártica, 2005.
- MOREIRA, A. F. M.; CANDAU, V. M. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: BRANDÃO, A. A. P. (Org.). **Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira**. Niterói: EduFF, 2000. p. 16-34. (Cadernos Penesb 5).
- PEREZ GÓMEZ, A. **La cultura escolar en la sociedad neoliberal**. Madrid: Morata, 1998.
- RIBEIRO, D. **O Que É Lugar De Fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RODRIGUES, T. C.; ABRAMOWICZ, A. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 15-30, mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100002&lng=e n&nrm=iso>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- SANT'ANA, A. O. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. *In*: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o Racismo na escola**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2. ed. Brasília-DF: SECAD, 2005. p. 39-67.
- SANTOS, A. M. **Vozes e silêncio do cotidiano escolar: as relações raciais entre alunos negros e não-negros**. Cuiabá: EduFMT, 2007. V. IV. (Coleção Educação e Relações Raciais).
- SOUSA, J. M. S. **Literatura na Educação Infantil: e a menina bonita do laço de fita**. 2014. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.
- SOUZA, M. F. O que é lugar de fala? **Dignidade Re-Vista**, v. 4, n. 7, p. 118-124, jul. 2019.
- SOUZA, R. P. R. G. **O fenômeno bullying no ambiente escolar**. 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-AEDL88/1/renata_pereira_rocha_garcia_d e_souza.pdf. Acesso em: 11 maio 2020.
- SOUZA, S. S.; LOPES, T. M.; SANTOS, F. G. S. **Infância negra: a representação da figura do negro no início da construção de sua identidade**. *In*: JORNADA

INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 3., **Anais[...]**. São Luís: Ed. UFMA, 2007.

UNIVESP - Universidade Virtual do Estado de São Paulo. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Univesp, 2018. 29 p.

ANEXO A

Menina Bonita do Laço de Fita

(Ana Maria Machado)

Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva.

Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelha cor -de-rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda vida. E pensava:

- Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...

Por isso um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

- Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando eu era pequenina....

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente.

Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.

Então ele voltou na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina Bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha?

-Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando eu era pequenina.

O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi.

Mas não ficou nada preto.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha?

- Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.

O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba.

Mas não ficou nada preto.

Por isso, daí a alguns dias ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha?

A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoadá, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

- Artes de uma avó preta que ela tinha...

Aí o coelho – que era bobinho, mas nem tanto – viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre com os pais, tios, os avós e até com os parentes tortos.

E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para se casar.

Não precisou procurar muito.

Logo encontrou uma coelha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça.

Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais.

Tinha coelho para todo gosto: branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha.

Já se sabe, afilhada da tal menina bonita que morava na casa ao lado.

E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço, sempre encontrava alguém que perguntava:

- Coelha bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?

E ela respondia:

Conselhos da mãe da minha madrinha.